

## AS VOZES NA LITERATURA DO EXTREMO-NORTE

Regina Barbosa da Costa (UFPA)

**RESUMO:** A voz dos excluídos na Amazônia Paraense foi sentida pelo escritor Dalcídio Jurandir (1909 – 1979), que a transportou para a ficção, por meio da produção de um extenso trabalho literário, consolidado em dez romances, reunidos no Ciclo do Extremo-Norte (1941 – 1978). Neste ciclo, o escritor marajoara vai mostrar as faces de uma Amazônia derruída, segundo Furtado (2010). As mazelas desta sociedade serão representadas ficcionalmente por prostitutas, bêbados, doentes, pobres, velhos, crianças e negros para dar vida à proposta social do escritor, que é reforçada na contribuição de Candido (2004) sobre a importância da literatura para estas comunidades, além do aprofundamento sobre as questões de analfabetismo e subdesenvolvimento discutidas em Candido (2011). Desta forma, optou-se em dar relevância nesta pesquisa, ao primeiro romance dalcidiano *Chove nos campos de Cachoeira* (1941), que relata um pedido de socorro dos miseráveis moradores da ilha do Marajó em prol de educação e ensino de qualidade, já que estes ficam afastados de forma social, cultural e geográfica, em relação à Capital do Pará e ao centro cultural do país. Dalcídio Jurandir focaliza esta comunidade para dar voz e mostrar artisticamente os conflitos e angústias de uma população miserável.

Palavras-chave: Voz. Excluídos. Educação.

A voz dos excluídos na Amazônia Paraense foi sentida pelo escritor Dalcídio Jurandir, um escritor paraense que nasceu na ilha do Marajó /cidade de Ponta de Pedras, em 1909 e morreu no Rio de Janeiro em 1979<sup>1</sup>. Ele lutou bravamente contra a miséria social, especialmente contra o analfabetismo e defendia uma consciência social para atingir um nível de vida melhor.

Para conseguir atingir seu objetivo ele somou sua voz à voz de outros intelectuais escritores e jornalistas que, como ele, desejavam uma vida melhor para o sofrido povo do Norte e produziu extenso trabalho literário ao longo de quatro décadas e meia do século XX. Dentre suas produções, se destacam os livros que geraram o Ciclo do *Extremo-Norte*, produzido entre 1941 e 1978, que são: *Chove nos campos de Cachoeira*, (1941), *Marajó* (1948), *Três casas e um rio* (1958), *Belém do Grão-Pará* (1960), *Passagem dos Inocentes* (1963), *Primeira manhã* (1967), *Ponte do Galo* (1971), *Os habitantes* (1976), *Chão dos Lobos* (1976) e *Ribanceira* (1978). O escritor, também

---

<sup>1</sup> O escritor morou em Cachoeira do Arari até 1922 e foi para Belém estudar, mas não concluiu os estudos. Dalcídio além de escritor foi também jornalista, tendo intensa atuação como redator e colaborador, no Estado do Pará, nos seguintes periódicos: *O Imparcial*, *Crítica Estado do Pará*, *Revista Escola*, *Revista Guajarina*, revista *Novidade* e *Revista A Semana*; no Rio de Janeiro em: *O Radical*, *Diretrizes*, *Diário de Notícias*, *Correio da Manhã*, *Tribuna Popular*, *O Jornal*, *Imprensa Popular*, revista *Literatura*, revista *O Cruzeiro*, semanário *Classe Operária*, *Para Todos* e *Problemas*.

era ativista político e produziu o livro *Linha do Parque*, em 1950, que foi elaborado após encomenda do Partido Comunista.

Neste ciclo<sup>2</sup>, denominado de Extremo-Norte, o escritor marajoara vai mostrar as faces de uma Amazônia, “derruída, sem perspectivas, atônita, após a derrocada de um ciclo econômico<sup>3</sup> que ergueu palácios, teatros, palacetes; [e] que deu ares europeus às altas temperaturas locais” (FURTADO, 2010, p.19). Jurandir verbaliza uma Amazônia que sofre com as questões sociais e econômicas, que são comuns em outras regiões do país e do mundo; no entanto, essa Amazônia, cantada por ele, é representada de forma singular na ficção do escritor, já que ele introjeta na obra sensibilidade e consciência social, desvelando a região sem idealização, com todas as suas mazelas.

As mazelas desta sociedade serão representadas ficcionalmente por personagens, denominados de personagens-leitores, conforme dissertação de mestrado defendida em 2014<sup>4</sup>. Desse modo, as condições de vida na sociedade marajoara são evidenciadas a partir da leitura dos personagens que protagonizam o ato de ler na obra, já que neste romance “o ato de ler é discutido em suas múltiplas possibilidades e funções, estando relacionado a atividades e atitudes, tais como recitação, fuga, educação e transformação” (HOLANDA, 2010, p. 178), de acordo com o desenho de cada personagem na narrativa, considerando ainda os efeitos que esta leitura causa em alguns desses personagens.

Para esta pesquisa, foi selecionado o primeiro livro do ciclo jurandiano *Chove nos Campos de Cachoeira* (1941)<sup>5</sup>, que relata um pedido de socorro dos miseráveis moradores da ilha do Marajó em prol de educação e ensino de qualidade, já que estes ficam afastados de forma social, cultural e geográfica, em relação à Capital do Pará e ao centro cultural do país. Dalcídio Jurandir focaliza esta comunidade para dar voz e mostrar artisticamente os conflitos e angústias de uma população miserável. Também foi selecionado, dentre os vários personagens-leitores, apenas um, que é o personagem Eutanázio, isto porque ele apresenta um perfil extremamente crítico nesta narrativa, que entendemos emanar do seu criador, figura também crítica. Desta forma, a voz de

---

<sup>2</sup> Além do ciclo do Extremo-Norte, outros exemplos de literatura ciclica foram produzidas, um exemplo é *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust.

<sup>3</sup> O ciclo econômico referido no texto é o *ciclo da Borracha* que aconteceu na região Amazônica entre o final do século XIX e início do século XX. Este ciclo trouxe para o cenário belenense grandes transformações sociais, culturais, arquitetônicas, que influenciaram nos costumes e valores locais de uma classe em ascensão nesse momento, a burguesia belenense.

<sup>4</sup> Imagens de leitura em *Chove nos campos de Cachoeira*

<sup>5</sup> Além da edição de 1941 outras edições foram publicadas.

Eutanázio se configura na voz do escritor que, por vezes, esteve embargada ou foi reprimida, no entanto ganhou força na literatura:

Somos nós mesmos ao lado das massas, esclarecendo-nos na luta de todos os dias, conhecendo o povo na sua miséria e no seu heroísmo subterrâneo e encontrando nele o verdadeiro mistério da criação literária, a força de uma obra que interprete a humanidade brasileira e ajude a conduzi-la também para diante. (JURANDIR, 1947, p.07)

A partir da voz do personagem Eutanázio em *Chove nos campos de Cachoeira* saberemos de uma série de ocorrências sociais que se associa aos demais eventos sociais como a educação, saúde, habitação e alimentação.

Esta voz que emerge de Eutanázio já carrega consigo uma marca que é a que nasce do próprio personagem a partir de seu perfil de homem falido “era raquítico, tinha os olhos sombrios, os dedos trêmulos, contínuas dores de dentes” (JURANDIR, 1941, p. 35). Ele consegue ainda adquirir uma doença que o levará à morte, no entanto, apesar de aparentar um ser fictício estranho é ele quem consegue observar fatos não observados por outros personagens na ficção.

A leitura é para o personagem uma viagem, um passaporte que o leva a ver o mundo e a sentir-se longe das questões não apenas pessoais, como também as que envolvem sua região e o mundo. O personagem é atento observador, e sugere, desde criança, que tudo é possível, por meio da leitura. A sugestão se dá, por exemplo, a partir de episódios localizados como o do “sujeito bêbado”, que se apresentou como uma criatura estranha, formada por um misto de realidade e de ilusão, e estimulou o personagem a iniciar uma inclinação que estava latente,

Um sujeito muito bêbado, com umas roupas espantosas, atravessara a rua para lhe dizer: Por que os livros ficam à margem? Eutanázio recuara. [...]. Sua mão tentava erguer-se[...] Diga... Por que os... livros ficam... Ficam... A margem? Porque também... o homem... Fica também... Na margem da... da... vida? Da nossa própria da... nossa própria... Consciência? Consciência? Hem? Diga-me! [C]omo que os livros ficam a margem? (JURANDIR, 1941, p. 38).

Foi a partir deste belíssimo episódio, entendido como uma visão crítica do personagem Eutanázio sobre o ser humano e a cultura, que o desejo pela leitura se manifestou. Os trechos sobre Eutanázio sempre sugerem reflexões daí a importância dele para um estudo que envolve leitura e o leitor, já que a literatura é o “lugar

privilegiado para o início do desenho de uma história social da leitura” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1998, p. 17).

Durante a escolha da profissão, o personagem selecionou o serviço de encadernador, pois conseguia agregar neste ofício outra profissão de sua preferência que era o de enfermeiro. Dizia ele que “preferia lidar com os livros, os bacalhaus, os pobres livros maltratados e doentes. [Desejava ser] enfermeiro dos livros, estes pelo menos seriam mais pacientes, mais resignados, mais agradecidos, mais humanos” (JURANDIR, 1941, p. 38). Ele acaba associando livros a pessoas, em vista da desumanidade que ele, enquanto criança, já observava.

É necessário fazer uma ressalva sobre a vida e a família de Eutanázio, para caracterizá-lo como ser falido. Ele morava com o pai e madrasta, em Cachoeira. O pai era idealizador de projetos fugazes, apesar de grande leitor; já a madrasta era uma negra que sofria desde pequena os efeitos da cor. As irmãs, por parte de mãe, ficavam isoladas em outra cidade da ilha, chamada de Muaná e o irmão por parte do pai suportava preconceitos por ser mestiço. E, por fim, ele era apaixonado por Irene e por ela sofria, como um personagem de histórias românticas inacessíveis, porém nunca conseguiu consumir tal romance. Em sua relação amorosa com uma prostituta, adquire doença venérea que o vitimará.

Em meio as suas leituras Eutanázio vê algumas situações históricas acontecerem, como o fato do ciclo da borracha em que Belém experimentou momentos áureos, de muito luxo e riqueza<sup>6</sup>. Esta economia da borracha trouxe para a Amazônia, especialmente para as metrópoles Belém e Manaus, muito desenvolvimento mas, após o declínio, deixou também muito desemprego e pobreza. Assim, Eutanázio ouvia falar da “da crise da borracha [e dos] os seringais desertos” (JURANDIR, 1941, p. 40) e também entendeu a formação dos latifúndios na ilha do Marajó, a partir da leitura de placas que indicavam que as propriedades eram um “BEM COMUM”, com proprietário específico, situação comentada na localidade, mas que não enganava a Eutanázio.

O leitor ficcional Eutanázio abordará as ocorrências sociais da comunidade na ilha, apontando especialmente o quadro de analfabetismo grave, observado em episódios que atestam o grau de exclusão em que se encontravam os residentes da ilha de Cachoeira.

---

<sup>6</sup> Neste período, alguns prédios foram construídos em Belém como o Teatro da paz, casas imponentes e palacetes.

Um episódio que mostra tal exclusão é quando Eutanázio aparece praticando a leitura e escrita como ação social para personagens enamorados, como o personagem João Galinha e Ângela. Estes personagens eram analfabetos, portanto precisavam de Eutanázio para trocar confidências amorosas. Eram pedidos desesperados de quem precisava demonstrar seu sentimento, mas que eram incapaz de fazê-lo:

- Escreva da sua cabeça, seu Eutanázio. Da sua cabeça. Não entendo isso. Faz de conta que é você que está sentindo isso. Eu quero me declarar com uma aí...
- Mas nem disseste o nome dela.
- Ah, sim! A Ângela.
- Eutanázio, sorrindo, começou a escrever  
(JURANDIR, 1941, p. 206).

O primeiro pedido partiu de João Galinha, que era conhecido como um vagabundo e ladrão de galinhas, mas que um dia apaixonou-se por Ângela e sentiu a necessidade de saber ler e escrever para fazer o cortejo e concretizar o namoro. A atividade de enviar e receber cartas de amor eram comuns nos namoros da época e Eutanázio era o encarregado de escrever e também de ler as cartas que provavelmente receberia.

Na elaboração das cartas, Eutanázio brincava com essas pessoas analfabetas, pois sabia que era ele quem iria escrever e ler as cartas, por ter grande disponibilidade para fazer o trabalho e também por ser um dos poucos que sabia ler e escrever em Cachoeira. Desta forma, tirava proveito para se divertir “daquela felicidade analfabeta e cheia de boa-fé.” (JURANDIR, 1941, p. 233). Recebia dos correspondentes muitos agradecimentos, porém estes não desconfiavam que as cartas produzidas por ele contivessem outro conteúdo: “escrevia a resposta a si mesmo. Releu a carta. Assim ele podia escrever, quando quisesse, os maiores desaforos de um para outro, os maiores insultos. Podia fazer Ângela mandar dizer que não queria, que ele era um João Galinha. Podia escrever as infâmias que entendesse de fazer (JURANDIR, 1941, p. 232). Os personagens João Galinha e Ângela ficavam dependentes de Eutanázio por serem analfabetos e por não possuírem outra forma de se comunicar.

Um dado relevante que é apontado na narrativa diz respeito à situação das escolas em Cachoeira e as metodologias adotadas por professores que utilizam castigos e humilhações. Na maioria das vezes, isso ocorreu com Eutanázio e também com o personagem João Galinha que sofreu humilhações de um professor. Foram os castigos

deste professor que fizeram do personagem João Galinha um analfabeto e que o fez fugir da escola, com medo do grito do mestre, que era conhecido como homem terrível e deixava o pobre menino “a tarde inteira amarrado num banco para não fugir da escola. [mas ele] fugiu assim mesmo. E foi rebocando o banco pela calçada, ganhou o campo e ficou acuado uma noite inteira dentro do mato” (JURANDIR, 1941, p. 208). Após essa fuga de João Galinha, da escola, ele não quis mais saber de estudar, mesmo que guardasse o desejo de saber ler e escrever.

Da vida sofrível de Eutanázio, restou sua arte em fazer versos para as festas folclóricas de Cachoeira. O momento de representação de seus versos musicados significava, para ele, o ponto máximo de sua arte, por conseguir alegrar um povo tão sofrido, ao vê-lo cantar e representar seus versos que eram encobertos com tristezas. Só assim, era reconhecido e as pessoas podiam usufruir de sua arte:

Chora, Chico chora  
Chora que a coisa não está de brincar  
Chora porque estás preso  
E o remédio que tens é apanhar.  
(JURANDIR, 1941, p. 108-109)

A alegria do povo, contrastada com a tristeza dos versos de Eutanázio, provoca uma reflexão sobre a importância de se compreender e de se poder fruir da arte literária pois, segundo Antonio Candido, a leitura literária é direito inalienável e “uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, [da mesma forma que] a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis” (CANDIDO, 2004, p. 191). A exposição do produto literário de Eutanázio representa sua passagem de leitor a produtor de texto, provavelmente motivada pelas leituras que ele fazia. É assim que o personagem Eutanázio consegue transmitir o fato literário e, ao mesmo tempo, atender ao seu desejo de ler, de escrever e de sentir o prazer literário.

O resultado que fica evidenciado é que uma das principais questões sociais levantadas na obra pelo personagem é a questão da desigualdade social e que agrega os demais eventos sociais como educação, saúde, habitação e alimentação.

Percebe-se, pelos comentários do personagem, que o ficcionista deixa implícito que só com educação é possível reativar aquela sociedade e amenizar a miséria. Antonio Candido, em *A personagem de ficção* (2000), traça um estudo sobre personagens, em que ressalta a importância das mesmas para o leitor. Destaca que “ao leitor importa a possibilidade de ser ele [o *Homo Fictus*] conhecido muito mais cabalmente, pois

enquanto só conhecemos o nosso próximo do exterior, o romancista nos leva para dentro da personagem” (CANDIDO, 2000, p. 63). Desta forma, é possível entender mais intimamente a personagem.

Assim, Dalcídio Jurandir consegue expandir sua voz somando com outras vozes que nascem de seus personagens, como Eutanázio e uma gama de outros interlocutores, que representam significativa importância neste primeiro romance, haja vista que fazem refletir sobre questões de cunho social, que atingem não só uma determinada sociedade, mas que podem também ser expandidas e adquirirem dimensões universais.

### **Referências**

CANDIDO, Antonio. Vários Escritos. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004.

\_\_\_\_\_. Antonio et al. A personagem de ficção. São Paulo: Perspectiva, 2000.

FURTADO, Marlí Tereza. Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

HOLANDA, Sílvio. A tematização do ato de ler em Dalcídio Jurandir: anotações em torno de Chove nos campos de Cachoeira. In: Asas da Palavra-Revista de Letras, Belém, v. 13, n. 26, 2010-2011.

JURANDIR, Dalcídio. Chove nos campos de Cachoeira. 1. ed. Rio de Janeiro: Vecchi: 1941.

\_\_\_\_\_. Os escritores e a resistência. Revista Pará Zero Zero – PZZ: Arte Política e Cultura, Reedição Especial, n. 6, nov. 2009.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. A formação da leitura no Brasil. São Paulo: Ática, 1998.